

Companhia De Choque Da Polícia Militar Do Amazonas (1966-1980) Célula Mater, Berço Dos Principios, Treinamentos E Simbolos Das Unidades Especializadas

Leandro Santos Gomes¹, Peter Gabriel Santos De Souza²

¹universidade Do Estado Do Amazonas- Uea

²universidade Do Estado Do Amazonas- Uea

Resumo

Contexto: O 1º Batalhão de Choque da Polícia Militar do Amazonas começou como o Pelotão de Polícia de Choque em 11 de junho de 1966, criado informalmente no Comando Geral. Sua evolução foi impulsionada pelo Regime Militar (1964) e, especialmente, pela explosão demográfica e social em Manaus após a Zona Franca na década de 70, exigindo uma força especializada em controle de distúrbios e combate antiguerrilha. Em 1975, o Pelotão foi elevado a Companhia de Polícia de Choque, formalmente criada em 16 de janeiro de 1978. O primeiro comandante, Capitão PM Raimundo Carlos Daniel Mar, estabeleceu a doutrina após um estágio na PMERJ. A unidade adotou a Boina Vermelha em 1977 e a insígnia oficial foi regulamentada em 1978. Atuando como a força de última intervenção em greves e conflitos, o comando subsequente iniciou a doutrina de uso diferenciado e proporcional da força. Em 1983, o Tenente PM James Pedrosa Castelo Branco criou a Oração do Guerreiro de Choque, consolidando a identidade mística e organizacional da unidade.

Materiais e métodos: A metodologia de pesquisa baseou-se primariamente na análise de documentos oficiais e na coleta de fontes orais, essenciais para datar a criação formal e contextualizar a doutrina da tropa. Juntamente com a análise de matérias de jornais da época, o estudo conseguiu traçar a evolução operacional da unidade, desde sua criação informal em 1966 até a sua consolidação como última força de preservação da ordem pública.

Resultados: A atuação da Companhia de Choque se destacou pela prontidão e emprego estratégico em momentos de crise social, como greves e ocupações de terra, consolidando-a como a força de intervenção final da PMAM.

Conclusão: O Batalhão de Choque consolidou-se como uma força de elite, técnica e disciplinada, fundamental para a manutenção da ordem pública no Amazonas. Sua evolução, de um pelotão informal a uma Companhia especializada, foi marcada pela rápida adaptação às crises sociais e pela criação de uma identidade mística e doutrinária forte, como a Oração do Guerreiro de Choque.

Keywords: Companhia de Choque, Coronel Daniel Mar, Boina Vermelha, Polícia Militar do Amazonas.

Date of Submission: 09-12-2025

Date of Acceptance: 19-12-2025

I. Introdução

Falar da História de um Batalhão é expressar as mais diversas formas de pensar, de agir e de ser. Assim como não se pode iniciar a Biografia de uma pessoa sem antes falar de seus antepassados, é fundamental que contemos a história daqueles que serviram e deixaram suor e sangue nos escudos de barreira intransponível do Batalhão de Choque.

Sob a ótica da perspectiva militar, o estudo da História Militar possui um caráter essencialmente utilitário. Funciona como uma ferramenta para extrair lições do passado, permitindo a compreensão dos conceitos teóricos militares através de exemplos históricos de sua aplicação. Facilita o aprendizado do emprego das forças militares nos níveis estratégico, operacional e tático, além de proporcionar uma compreensão da evolução da doutrina militar, atuando como uma ponte que conecta a teoria militar à sua aplicação prática. (Gomes, Mustafá, Soares, 2025).

Aos que servem, aos que partiram, são verdadeiros heróis e as suas vidas são testemunhos de honra, dever e amor incondicional a esta unidade. Escreveram sua história de forma única, conquistaram seu braçal símbolo da disciplina, dignidade e moralidade. A coragem, dedicação e sacrifício demonstrado jamais será esquecido.

II. Materiais E Métodos

A metodologia de pesquisa adotada para traçar a evolução histórica da unidade de Força de Choque baseou-se primariamente na análise de documentos oficiais e na consulta a literatura especializada,

complementada pela coleta de fontes orais. A investigação documental envolveu o exame de Boletins Internos, Decretos Estaduais e Diários Oficiais, cruciais para datar a criação formal da unidade e estabelecer a contextualização de seus procedimentos operacionais padronizados (POPs). Os livros e artigos científicos foram especificamente utilizados para nortear a definição do panorama socioeconômico e político do Brasil e do Amazonas durante os períodos analisados, fornecendo o arcabouço teórico para a compreensão da demanda por segurança pública. Complementarmente, foram utilizadas fontes orais, como entrevistas com oficiais veteranos, e analisadas matérias de jornais da época, permitindo traçar, sob uma perspectiva humana e contextualizada, a evolução operacional da unidade desde sua criação informal em 1966 até a consolidação de sua identidade institucional.

III. Pelotão De Polícia De Choque

A história do Batalhão de Polícia de Choque se inicia com a criação do pelotão de Polícia de Choque em 11 de junho de 1966, sem formalidades, apenas ligada à publicação do Boletim Interno (BI) nº 128, datado de 11 de julho de 1966, foi criado o Pelotão de Choque. Idealizado no Comando Geral do Cel EB Hernany Guimarães Teixeira (Capitão do Exército) que decidiu criar uma tropa de choque. 1º Núcleo se instalou no Quartel do Comando Geral da Pça da Polícia.

Vivíamos sob o Governo Militar, recém-instalado em 1964 no país, as operações e doutrinas policiais era algo muito incipiente, não havia manuais de polícia, tampouco um regulamento que uniformizasse as ações policiais no Brasil. Nesse contexto, o comandante da Polícia Militar não registrava atos de criação

Foi designado o então 2º Tenente EB recém incorporado na Polícia Militar Manoel Roberto de Lima Mendonça para assunção da função de direção do embrião do primeiro ensaio de Policiamento de Choque na Capital Amazonense, era prática comum na corporação a assunção dessas funções por Tenentes oriundos do exército visto que não havia prática ordinária de rito. A população não oferecia comportamento mais explosivo, que exigisse um policiamento mais diversificado e específico que o de dupla, exercido pelo conhecido Cosme e Damião.

A cidade de Manaus tinha população em torno de 200 mil habitantes distribuídos em atividade de monocultura, e com poucos bairros na capital destaque para a região do Centro de Manaus, de acordo com o mapa cartográfico em 1966 a Avenida Boulevard Álvaro Maia era a limitação urbanizada (Freire, 2004).

A Corporação na Capital Amazonense era dívida em 1º Companhia de Fuzileiros, 2º Companhia de Fuzileiros, Grupamento de Policiamento Ostensivo e Companhia de Comando e Serviços. O Comando selecionou o o efetivo nas Companhias existentes, com mais ênfase no Grupamento de Policiamento Ostensivo (GPO), que era integrado por homens de mais estatura, após designado a formação da gênese deste policiamento ficou subordinado a Companhia de Comando e Serviços (CCSV). A primeira sede foi em uma das salas do Quartel do Comando Geral da Polícia Militar do Amazonas, onde funciona atualmente o Complexo de Museus denominado Palacete Provincial (Boletim Interno nº 128, 1966).

A estrutura inicial do Pelotão de Choque contava com o efetivo de 31 (trinta e um) policiais militares, sendo: 1 (um) Oficial, 1 (um) Sargento, 05 (cinco) Cabos, 24 (vinte e quatro) Soldados dentre estes, vale ressaltar a escolha do Cabo Tomaz Vagno da Silva e José Bezerra Sobrinho que estavam no Curso de Formação de Sargentos no Centro de Instrução Militar da PMAM localizado na rua Dr. Machado.

IV. Elevação Para Companhia

Em 1972 a Polícia Militar passa por uma reestruturação na sua organização Básica saindo das antigas denominações de 1º e 2º Cia de Fuzileiros.

A Polícia Militar do Amazonas estava evidenciando um período áureo na gestão do brilhante Coronel Mário Perello Ossuosky, Oficial do Exército Brasileiro, comissionado na função de Comandante Geral da Corporação durante toda a gestão do Governador Henocho da Silva Reis. A Organização Militar contava com um efetivo de aproximadamente 1.200 homens de acordo com o Decreto nº 1.394, de 6 de junho de 1969 (Amazonas, 1969).

Divididos em Companhia de Radiopatrulha, Companhia de Trânsito, Companhia de Polícia Rodoviária, 1º Batalhão de Polícia Militar, 2º Batalhão de Polícia Militar, Companhia Independente, Companhia de Guardas, Comandos de Policiamento da Capital e do Interior, além das Diretorias de Finanças, Pessoal e Apoio Logístico. (Amazonas, 1972).

O Estado do Amazonas foi contemplado com a implantação da Zona Franca de Manaus e foi impactado diretamente com os efeitos do êxodo rural e aumento populacional em um espaço temporal muito curto. Uma vez que em 1970, Manaus possuía pouco mais de 300 mil habitantes. O contingente populacional do Estado, neste período, passa de uma população da ordem de 708.459 (1960), 955.235 (1970) e 1.430.089 (1980), com taxas de crescimento de 3,03 % ao ano (período 1960/70) para 4,12% ao ano - período 1970/80 (ASSAD, 2009).

Durante a década de 1970, o Brasil vivenciava um período de regime militar, iniciado em 1964, que enfrentava focos de resistência armada organizados por diversos grupos guerrilheiros com inspiração marxista.

Entre os mais relevantes, destacou-se a Guerrilha do Araguaia, promovida pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB), cuja atuação se concentrou em uma extensa região de selva entre os municípios de São Geraldo do Araguaia, Xambioá, Marabá e Palestina do Pará, na divisa entre o sudeste do Estado do Pará, norte de Goiás (atual Tocantins) e parte do Maranhão (Figueiredo, 2005).

Essa configuração geográfica preocupava os órgãos de segurança dos estados vizinhos, especialmente o Amazonas, que, atento à possibilidade do avanço para o Amazonas, iniciou debates internos sobre a necessidade de criar uma unidade para este tipo de repressão. A iminência dos confrontos e a constatação de que outros estados do Sul e Sudeste já contavam com tropas de choque preparadas para combate antiguerrilha, reforçaram o entendimento de que o Amazonas também deveria organizar uma unidade com essa aptidão (Skidmore, 1988).

Ademais, como resultado do avanço industrial e o aumento da densidade demográfica, os problemas sociais também são amplificados. A população manauara ainda não estava preparada para tal mudança de cenário, a consequência deste aumento foi o crescimento desordenado e a ocupação regular de propriedades privadas e diversas manifestações dos industriários (Becker, 1983).

Além disso, a instabilidade política decorrente das manifestações dos grupos estudantis do movimento secundarista e universitário do Amazonas, e as batalhas que travaram contra o poder público durante o Governo Militar.

O Diário Oficial do Estado do Amazonas nº 23346 datado de 01 de setembro de 1975 traz em bojo a Lei nº 1143 da mesma data que dispunha sobre a Organização Básica da Polícia Militar do Estado do Amazonas. Neste ato o Governador Henoch da Silva Reis, por iniciativa do Comandante Geral da Polícia Militar, dava-se a nova estrutura das Unidades definindo as atribuições de cada dentro da Polícia Militar, dentre as Unidades Previstas estava a Companhia de Polícia de Choque e um Pelotão de Choque

DAS UNIDADES DA POLÍCIA MILITAR

Art. 31

[...] l) Companhia de Polícia de Choque (Cia P Chq)

[...] r) Pelotão de Polícia de Choque (Pel P Chq)

Art. 33 -Comandante Geral da Polícia Militar terá uma força de reação, no mínimo um Pelotão de Polícia de Choque (Pel P Chq) especialmente instruído e treinado para missões de contra-guerrilha urbana e rural, o qual sera, o qual será usado também em outras missões de policiamento (Amazonas, 1975).

O Estado do Amazonas necessitava de uma tropa especializada e voltada para a atuação no controle de turba. Nos primeiros meses de 1976 o Cel Ossuosky viaja ao Rio Grande do Sul para observar as inovações no sistema de segurança pública daquele estado, dentre os fatos, observou-se a atuação das patrulhas fluviais, instrumentos do Corpo de Bombeiros e os equipamentos da Polícia de Choque, fato este que leva o Comandante Geral da Polícia Militar a anunciar para a sociedade Amazonense a Criação de Uma Tropa de Choque no dia 19 de fevereiro de 1976.

A criação da Companhia de Choque foi anunciada ontem pelo Comandante Geral da PMAM Cel Mário Ossuosky em entrevista coletiva à imprensa, durante entrevista com jornalistas e emissoras de televisão, o Comandante fez uma explanação sobre sua última viagem ao sul do país que ele considerou bastante proveitosa, Salientou que o Choque deverá entrar em ação após o carnaval e será acionada em caso de extrema necessidade e emergência, a exemplo do que ocorre em outros estados, informou que todo o material a ser utilizados pela Companhia de Choque está sendo adquirido e ela se constituirá de uma força para resguardar ainda mais a população amazonense e manter a ordem a qualquer custo (Ossuosky[...], (Jornal do Comércio, 1976).

Em agosto de 1976 é evidenciada a gênese da Companhia de Choque da Polícia Militar do Amazonas, por meio do Boletim Interno do Comando Geral nº 156 do dia 17 de agosto de 1976 é consolidada a nomeação do então Capitão Raimundo Carlos Daniel Mar, como Comandante da Companhia de Choque, esta data é marcada na história do Batalhão (Boletim Interno, 1976).

O Capitão Mar é dispensado do Comando da Companhia Independente da Polícia Militar (CI/PM) e foi nomeado na função de Comandante da Companhia de Choque.

No mesmo Boletim Interno ocorre a transferência do 2º Tenente PM José Miguel Ferreira do 1º Batalhão de Polícia Militar (1º BPM) para a Companhia de Choque, o credencia como segundo Oficial a compor a Companhia de Choque de modo a secundar o Cap Daniel Mar.

A estrutura inicial do efetivo da Companhia de Choque, em seus primeiros anos de funcionamento era de 01 (um) Capitão, 01 (um) 2º Tenente, 01 (um) 1º Sargento, 02 (dois) 3º Sargentos 3 (tres) Cabos e 33 (trinta e três) Soldados. A jovem Companhia contava com um número reduzido de integrantes, mas o suficiente para garantir a formação de uma unidade especializada e eficiente. Esse efetivo pioneiro, apesar das limitações quantitativas, foi fundamental para estabelecer as bases de uma tropa que se destacaria pela sua atuação em situações de alta complexidade e risco, mostrando desde o início seu potencial e capacidade de adaptação às exigências de segurança pública.

A tropa sob o Comando do intrépido Capitão Mar é direcionada a ocupar espaço físico nas dependências do quartel do 1º BPM que foi inaugurado em 1970, nos arruamentos sem asfalto do tímido bairro de Petrópolis tendo o Coronel Pedro Rodrigues Lustosa no Comando do 1º Batalhão.

Criada em 1969, a Inspetoria Geral das Polícias Militares, passa a coordenar e uniformizar os procedimentos e as atividades das Polícias Militares no Brasil e uma destas medidas foi a difusão do conhecimento sobre os procedimentos de Controle de Distúrbios e aplicação das técnicas para manuseio de produtos de efeito moral a serem realizados no Estado do Rio de Janeiro.

Indicação de Oficial - Em atenção ao Ofício nº 012/IGPM/04 de 30 de agosto do corrente ano, indico o Capitão Raimundo Carlos Daniel Mar, para frequentar o Estágio de Material de Controle de Tumulto no Estado do Rio de Janeiro (Boletim Interno nº 007 PMAM, 1976).

Assuntos Gerais Diversos-Transcrição de Rádio:- Comandante Geral da Polícia Militar do Amazonas - Manaus-AM-002 IGPM/4 de 07 de janeiro de 1977. PT Info Estágio ET Entrega Material de Controle de Tumulto que será realizado na PMERJ, período de 17-22 Janeiro, PT Oficial designado deverá estar pronto no Rio de Janeiro no dia 17. General Albano. Em consequência - Designo o Cap. Raimundo Carlos Daniel Mar para realizar o estágio. A DAL e DF para as providências necessárias. (Boletim Interno nº 07, 1977).

Apresentou-se Hoje por ter de viajar ao Estado do rio de Janeiro, a fim de frequentar o Estágio de Combate a Distúrbio Civil, o Capitão Raimundo Carlos Daniel Mar (Transcrito do Livro de Apresentação de Oficiais) (Boletim Interno nº 10, 1977).

Ao retornar, sua missão era disseminar e compartilhar o conhecimento adquirido na escola do Rio de Janeiro. Ele não apenas transmitia os ensinamentos teóricos e práticos assimilados durante o estágio, mas também se tornava um agente fundamental na capacitação da tropa sob seu comando, de forma a que a Companhia de Choque se mantivesse alinhada com as inovações e melhores práticas disponíveis à época.

V. Sede Da Companhia De Choque

Embora a Companhia de Polícia de Choque estivesse alojada no quartel do 1º BPM havia a necessidade dos membros da Companhia de um local próprio. Em 1977 a Polícia Militar do Amazonas recebe da Companhia Habitacional do Amazonas (COHAB) uma área no Conjunto 31 de março, (Atual sede da Diretoria de Promoção Social da PMAM) e o Comando da Polícia Militar do Amazonas destina a área à Companhia de Polícia de Choque.

O Japiim foi fundado em 31 de março de 1969 durante o processo de implementação do Parque Industrial de Manaus, porém só foi inaugurado em 1970, quando as primeiras residências do conjunto foram entregues. O bairro surgiu com o nome de conjunto residencial 31 de Março e foi construído pela antiga Companhia Habitacional do Amazonas (COHAB). O nome 31 de Março foi escolhido para homenagear a data da revolução de 1964 (ALEAM, 2022).

Ainda em 1977 é lançada a Pedra fundamental da Companhia Independente de Polícia de Choque o início de uma história de Bravos Soldados. A Tropa de Choque da PMAM, que contava ainda com um modesto efetivo ocupa o lugar cedido, e os próprios militares começam a construir e transformar o local em um verdadeiro Quartel de Polícia, por meio do que podemos denominar em Latim de *Per Manus Militaris* (pela mão dos militares).

Na ocasião da construção o General de Brigada Harry-Alberto Schnarndorf, Inspetor Geral da Inspetoria Geral das Polícias Militares (IGPM) na Região Norte, entre julho de 1978 e fevereiro de 1981. Acompanhou o início dos trabalhos de construção das instalações do quartel da Companhia Independente de Polícia de Choque da PMAM localizado na atual.

Em operação desde 17 de agosto de 1976, ela foi formalmente criada em 16 de janeiro de 1978, por meio do Decreto nº 4135, assinado pelo Governador Henocho da Silva Reis. A criação dessa unidade teve como objetivo consolidar a estrutura de segurança pública do Estado do Amazonas, respondendo à crescente demanda por forças especializadas em situações de risco elevado, como distúrbios civis e grandes operações de combate ao crime.

DECRETO Nº 4136, DE 16 DE JANEIRO DE 1978 CRIA a Companhia de Polícia de Choque da Polícia Militar do Amazonas.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO AMAZONAS, usando das atribuições que lhe confere o Art. 43, item IX, da Constituição do Estado do Amazonas e de conformidade com o disposto no Art. 51 da Lei nº 1143, de 01 de setembro de 1975.

D E C R E T A:

Art. 1º — Fica criada a Companhia de Polícia de Choque (Cia P Chq), com sede na Capital, destinada a atuar como força de reação em operações de contra guerrilha urbana e rural, bem como, em missões extraordinárias e intensificação de policiamento em áreas nas quais seja exigido treinamento especializado.

Art. 2º — O Comandante Geral da Polícia Militar baixará os atos necessários à execução deste Decreto.

Art. 3º — Este Decreto entrará em vigor na data de publicação, revogadas as disposições em contrário (Amazonas, 1978).

VI. Uniforme Da Companhia De Choque

A Tropa de Choque adotava um uniforme característico, composto por calça e blusa tergal ou brim na cor azul-petróleo, coturno preto e camisa interna branca. Inicialmente, o gorro preto era o acessório padrão, e foi posteriormente substituído pela Boina Vermelha. O conjunto era complementado pelo cinto de guarnição de couro e pelo coldre do tipo "orelha de boi" (Amazonas, 1975).

Um dos destaques era o capacete de proteção individual, predominantemente preto, com uma faixa vermelha ao redor, conferindo assim identidade visual à tropa. A mística Boina Vermelha, é incorporada ao uniforme a partir de 1977, e estabelecia alusão a Brigada Paraquedista do Exército Brasileiro.

Nos uniformes utilizados em desfiles, para reforçar a imponência e o destaque da tropa, destaca-se o capacete branco, com detalhes em vermelho, era um dos principais símbolos desse fardamento. Além disso, itens como o cadarço do coturno, o cordel do apito, o distintivo no braço e o cachecol da tropa também eram padronizados na cor vermelha, reforçando a identidade visual e o prestígio da unidade.

A Companhia de Choque, logo após 20 (vinte dias) dias da transferência do seu efetivo inicial em 17 de agosto de 1976, recebeu a primeira missão de conduzir o pavilhão nacional, com elementos de porta Bandeira, Porta Estandarte, e o 2º Tenente PM Miguel fora elogiado pelo Comandante geral da Corporação pela forma distinta que conduziu a Companhia de Choque na parada militar no ano de 1976.

Louvo o 2º Ten PM Miguel, pelo esforço, dedicação e senso de responsabilidade nos preparativos da parada de 07 de setembro, impondo suas qualidades de vibrante oficial e contribuindo para que a Cia de Choque desfilasse com garbo e brilhantismo, elevando o nome da Polícia Militar do Amazonas. (Boletim Interno nº 017 PMAM, 1976).

Ainda incubidos desta missão o Boletim interno nº 015 de 22 de setembro de 1976, inclui na carga do Companhia de Choque uma nova Bandeira Nacional completa para desfile, em seda com 3 metros e meio de pano, completa com mastro, lança, roseta e talabarte, adquiridos na Livraria Dom Bosco (Boletim Interno nº 15, 1976).

b) Primeira Companhia de Polícia de Choque. A Primeira Companhia de Polícia de Choque, desfilará portando moderno equipamento de controle de distúrbios, e tem como missão precípua Controle de Distúrbios Civis. É comandada pelo Capitão RAIMUNDO CARLOS DANIEL MAR (Ordem do Desfile [...], 1977).

VII. Instrução

Com o objetivo de aprimorar as técnicas aprendidas na PMERJ, a tropa participava de instruções de Controle de Distúrbios Civis, voltadas para intervenções e operações de choque. Essas atividades eram realizadas, em sua maioria, às sextas-feiras ou durante formaturas gerais, garantia o aperfeiçoamento contínuo dos militares para atuação em situações de controle de distúrbios. Mostrava-se o início de uma doutrina que deu certo.

VIII. Viaturas

Viatura Chevrolet D-20, com capota de plástico com ferragem, marca pissoleiro, medindo 1,72 de comprimento por 1,62 de largura, adaptada para transportar um Grupamento de Polícia de Choque, típica de Patrulhamento Disciplinar Ostensivo – PDO;. Jeep Willys MB, automóvel utilitário leve, motor 4 cilindros e tração 4x4., transporte de oficiais, um veículo leve e versátil para deslocamento ágil da guarnição de Choque, Ambas nas Cores tradicionais: Cinza e vermelho. (Polícia Militar do Amazonas, 1976).

IX. Equipamentos

Lançador de material químico da tropa de choque; Pepper Fogger, lançador de material químico; Capacete com a proteção balística (manta do capacete); Máscara contra gás ou fumaça; Escudo de acrílico; Bastão 90 e Bastão 60; Megafone da tropa de choque da época que serviria para acionar a tropa aquartelada quando em situações de treinamento ou para ação real.

X. Emprego Da Companhia De Choque

A Tropa de Choque foi organizada e equipada e em pouco tempo já estava em atuação, e logo obteve um prestígio perante a sociedade e o comando da Polícia Militar, empregado efetivamente em diversos momentos de conturbação da sociedade amazonense, tais como: Greves dos Choferes, Greves dos operários do Distrito Industrial Siderama.

Polícia de Choque do Centro de Operações do Comando Geral da Polícia Militar do Estado conseguiu reprimir, sem violência, uma manifestantes motoristas de praça em frente ao Palácio Negro, ontem de manhã. Liderados pelo profissional Guimarães Carvalho e outros dois companheiros ,os motoristas foram ao “Palácio pedir ao governador (que se encontra viajando) maior proteção para a classe contra o bandido misterioso que matou três choferes à tiros, na semana passada (Choque da PM sem violência impede a passeata dos choferes ao palácio, 1977).

Neste período a Companhia atuava durante os movimentos contra o Governo Militar, escolta de presos, além de atuar em patrulhamento. Durante esse período, a célula-máter das Unidades Especializadas da Polícia Militar do Amazonas desempenhava o papel de força de intervenção final, sendo acionada como o último recurso operacional da PMAM.

Dos patrulheiros da Polícia Militar resultaram feridos ao serem confrontados pelo meliante armado com uma tesoura e um pedaço de pau [...] Na ocasião, os dois ocupantes da rádio patrulha foram atingidos pelas tesouradas desferidas pelo braçal e viram-se obrigados a solicitar do comando geral daquela corporação o envio de uma viatura da Companhia de Choque. Quando o reforço chegou ao local do conflito, o braçal continuou resistindo e os policiais tiveram que utilizar várias granadas de gás lacrimogêneo (Braçal enfurecido [...] 1978).

A tropa de Choque, desde os seus primeiros anos de atividade, desenvolveu uma identidade visual, que refletia tanto seu espírito combativo quanto os valores que orientavam sua atuação. Em 1977 o Choque já utilizava a o flâmula com a lendária manopla e as duas bucanearas cruzadas, contudo já havia uma necessidade de regulamentação.

Ao longo do tempo estes símbolos passaram a compor um verdadeiro emblema da cultura organizacional da tropa. Com o passar do tempo, a adoção informal desses símbolos consolidou-se entre os integrantes, tornando-se parte do imaginário coletivo.

Em 13 de janeiro de 1978 a Polícia Militar do Amazonas propõe ao Governo do Estado o Regulamento para a confecção de insígnias de Comandos da PMAM, e aprova por meio do Decreto nº 4132 que dispõe sobre a forma, apresentação e uso das insígnias de Comando, publicado no Diário Oficial do Estado nº 23941, por iniciativa do Coronel Mário Perelló Ossuosky – Secretário de Estado de Segurança Pública interino e Comandante Geral da PMAM, na gestão do Exmo. Sr. Governador Henoch da Silva Reis (AMAZONAS, 1978).

VIII- Das Unidades de Polícia Militar

[...] 6) Companhia de Polícia Militar Isolada

[...] h) Companhia de Polícia de Choque

Campo composto de duas faixas horizontais de cores azul e vermelho, tendo no centro duas garruchas cruzadas e sobre estas uma manopla direita com a palma voltada para o exterior e o punho cerrado, tudo em cor branca. (Fig. 21).

Figura. 01 Insígnia da Companhia de Choque

DIÁRIO OFICIAL — SEGUNDA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 1978

— 13

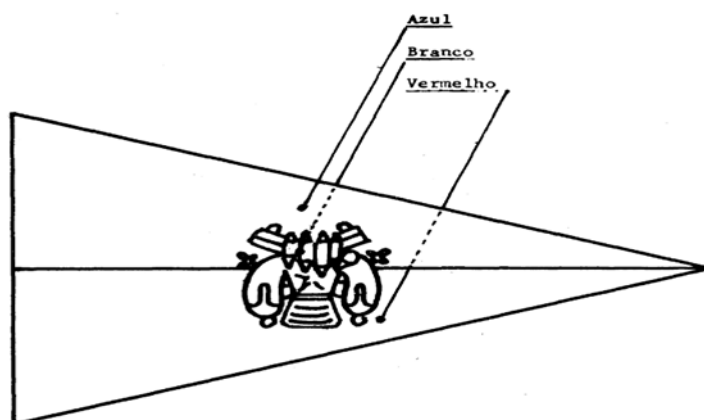


Fig. 21

Fonte: (Amazonas, 1978).

Essa regulamentação se mostrava essencial para garantir que os elementos simbólicos refletissem, de forma legítima e oficial, os valores, a história e a missão da tropa de Choque.

Ao se fazer a pesquisa não foi encontrado documentos que conferissem autoria e descrição heráldicas das cores e peças do Brasão Histórico. Em entrevista com o Cel PM R/R Fábio Pacheco da Silva ele nos informou que o primeiro desenho da manopla é de autoria do Cel Raimundo Carlos Daniel Mar. O Cel PM R/R Osório da Fonseca Neto ao falar sobre a autoria e origem do desenho da manopla e as bucanearas cruzadas ele foi incisivo em dizer que era de autoria do Coronel Mar que recebeu influência da escola de Choque do Rio de Janeiro que já se utilizava de elementos de guerra medievais para representar o Batalhão de Choque da PMERJ.

A preservação do símbolo identitário original (Manopla e Garruchas cruzadas) é fundamental para que as próximas gerações saibam reconhecer o valor de ostentar a simbologia da Companhia de Polícia de Choque,

ainda que outros elementos, figuras, frases ou imagens possam vir a surgir e denotar a força e robustez da tropa de choque, não se pode abandonar a tradição, a história e memória dos antepassados.

Polícia Militar do Amazonas, prestes a alcançar 200 anos de existência, é uma instituição rica em história, forjada pelo valor de homens que, com bravura e abnegação, construíram o legado que hoje honramos. Contudo, muitos desses nomes caíram no anonimato, e suas histórias foram pouco a pouco apagadas na marcha do tempo. As décadas nos afastaram das raízes que moldaram nossa identidade. Quando uma sede é demolida sem registro, quando uma viatura é abandonada sem memória, quando um antigo Comandante entra no anonimato, sepulta-se a sua ascendência e trai-se a própria identidade (GOMES, MUSTAFÁ, SOARES, SOUZA, NETO, SALES, 2025).

A Polícia Militar foi obrigada a ampliar as instalações da Polícia de Choque com o aumento das tropas dessa corporação (Ossuosky entregou ontem quartéis do Choque e dos Bombeiros, 1979).

XI. Troca De Comando Na Companhia De Choque

Após 3 (três) anos e 4 (quatro) meses o Cap PM Raimundo Carlos Daniel Mar deixa o comando da Companhia de Polícia de Choque. A posse do substituto Capitão PM Francisco Orleilson Guimarães aconteceu em 26 de dezembro de 1979 nas dependências já ampliadas da Companhia de Polícia de Choque. O novo Comandante assume a Companhia de Choque com a missão de consolidar a doutrina de controle de distúrbios, ressalta-se que o próprio Cel Orleilson afirma em entrevista que a tropa era aguerrida sempre pronta para agir conforme determinação. “A tropa tinha mãos calejadas de carregar os escudos e Bastões” (Entrevista com Coronel Orleilson em 04 de abril de 2025).

Com a missão de promover a humanização da tropa, o Capitão Orleilson introduziu, no efetivo da tropa de choque, uma concepção de policiamento pautada na interação gradual e proporcional com a população. Pode-se considerar esse processo como o embrião da aplicação do uso diferenciado da força. Anteriormente, o protocolo de atuação da tropa de choque, ao ser acionada, consistia em intervir com o uso imediato da força física para dispersar as manifestações e controlar aglomerações. A partir da gestão do Capitão Orleilson, iniciou-se um processo de reestruturação operacional voltado às práticas e doutrinas policiais emergentes, com foco na mediação e na proporcionalidade das ações.

Destaca-se, na gestão do então Capitão Orleilson, a atuação decisiva dos Tenentes Wilson, Mauro Silva e Henriques. A companhia de choque já desenvolvia operações especiais, muitos oficiais já haviam realizado cursos de combate – COSAC. Estes oficiais foram protagonistas no processo de criação, idealização e operacionalização do primeiro uniforme camuflado, bem como do mítico braçal vermelho, utilizado no braço esquerdo do guerreiro de choque, que se consolidou como símbolo de pertencimento e distinção da tropa (Entrevista com o Cel R/R Orleilson Guimarães).

A Companhia de Polícia de Choque passou a ser um componente essencial, realizando intervenções em contextos complexos, e destacando-se pela sua capacidade de atuação rápida e eficaz em cenários de alta intensidade. Ao longo dos anos, a unidade se fortaleceu, adaptando-se às novas exigências da segurança pública e se tornando uma referência em termos de preparação e treinamento especializado para seus membros. Um exemplo deste fato é a matéria do Jornal do Commercio de 17 de janeiro de 1981 que destaca o aniversário da Companhia de Polícia de Choque, e explana a Ordem do Dia do sr. Cel Hécio Rodrigues Mota - Comandante Geral da PMAM que explana breve histórico, efetivo e as dimensões do quartel da Companhia (do Jornal do Commercio, 1981).

A Ordem do dia constou do seguinte

Meus Camaradas festejamos neste dia 16 de janeiro de mil novecentos e oitenta e um, o terceiro aniversário da nossa Polícia de Choque, criada pelo Decreto n.º 4136 de 16 de janeiro de 1978. Teve como seu primeiro Comandante, o Cap. Raimundo Carlos Daniel Mar, com o efetivo de quarenta homens, ficando aquartelados no 1.º BPM. Com muito esforço e dedicação de seu Comandante, conseguimos o nosso Quartel, que atualmente ocupamos.

Vale ressaltar, que o atual Quartel foi aumentado em suas dimensões e construído o pavilhão de Rancho assim como o refeitório dos Oficiais, Sargentos, Cabos e Soldados, cuja mão de obra foi realizada por Soldados da nossa Cia., muitos dos quais pertenceram ao seu efetivo.

Atualmente com o efetivo de noventa e quatro homens, sob o Comando do Cap. PM Francisco Orleilson Guimarães, continuamos com o mesmo denodo e orgulho de servir numa Companhia de elite, a Cia. de Choque.

Apenas com três anos, já prestaram relevantes serviços à Sociedade, como prova disso, quando chamados a agir estamos sempre prontos (Polícia de Choque comemorou seu 3º aniversário, 1981).

Após o período festivo em 04 de setembro de 1981 o Capitão Orleilson é promovido ao posto de Major e na ocasião ocorre a transferência do comando ao Cap PM Antônio Alfredo Rego da Matta. Deve fazer a distinção na ocasião da solenidade de passagem de comando que foi ofertado ao Major Orleilson uma Boina Vermelha

símbolo da Companhia. Destaco que tal ato deveria ser mantido nas passagens de Comando do Batalhão de Choque.

Ao encerrar-se a solenidade, foi oferecida ao Major Orleilson, uma boina vermelha – maior símbolo da Companhia de Polícia de Choque, que lhe fora entregue por um dos seus filhos, assistida pela sua esposa, senhora Anacília Guimarães, que também fazia-se presente à solenidade (Alterados comandos da Polícia Militar, 1981).

XII. A Origem Da Oração Do Guerreiro De Choque

Preservar tradições é manter viva a memória dos que vieram antes, é dar sentido à continuidade histórica e reforçar os pilares da disciplina e hierarquia. Quem respeita o passado, fortalece o presente e prepara o futuro com firmeza e dignidade.

A Oração do Guerreiro de Choque foi idealizada e redigida no ano de 1983, pelo então 1º Tenente PM James Pedrosa Castelo, quando este exercia a função de Subcomandante da Companhia de Choque da Polícia Militar do Estado do Amazonas. O Tenente Castelo Branco havia acabado de chegar na Companhia, e formado na Guerra da Selva, e como guerreiro de Selva absorveu a mística da oração do guerreiro de Selva.

O contexto social da época na capital foi marcado por elevada carga operacional da tropa de Choque. A crescente urbanização da capital amazonense gerava impacto direto sobre a demanda por policiamento especializado, resultando em sobrecarga de missões atribuídas à Companhia de Choque, que era a tropa de pronto emprego do Comandante Geral e do Governador do Estado (Brasil de fato, 2022).

Simultaneamente, a conjuntura econômica nacional refletia de maneira considerável no emprego dos Policiais Militares da Companhia de Choque. A inflação elevada, defasagem salarial e sucessivas greves dos industriários, paralisações no funcionalismo público estadual, compunham o pano de fundo de uma tropa submetida a exigências extremas (Sampaio, 2022).

O efetivo da Companhia de Choque, embora tecnicamente preparado e operacionalmente disciplinado, enfrentava o esgotamento físico e moral. Os combatentes da última ratio de atuação do estado, ao mesmo tempo em que atuavam como linha de contenção de distúrbios civis, também eram cidadãos afetados pelas mesmas dificuldades econômicas que motivavam as manifestações que precisavam controlar.

Além disso, os canais de imprensa existentes na capital, vociferava contra o efetivo empregado diariamente, havia desgaste na imagem institucional diante da crítica da mídia, que muitas vezes questionava a legitimidade das ações da tropa, e estes insultos produzia uma sensação de insegurança quanto ao reconhecimento da missão legalmente desempenhada.

Foi nesse cenário, durante a execução de uma operação de contenção em ato grevista dos professores no Amazonas, enquanto os manifestantes se dirigiam ao palácio pela Avenida Sete de Setembro, que o Tenente James Pedrosa Castelo Branco identificou um sinal claro de alerta; ainda que por meio dos duros capacetes ostentando com a disciplina característica do choqueano, o semblante abatido de seus policiais, a perda do brilho no olhar dos seus companheiros, o esmorecimento do espírito de combate, eram sinais silenciosos de uma tropa em desgaste (Batista, 2020).

Apesar das conversas matinais e preleções diárias e da tentativa de manter elevada a disposição e o espírito combativo por meio de fala motivadoras, constata-se a necessidade de uma ferramenta simbólica mais poderosa.

Sensível à realidade vivenciada por seus subordinados, o Tenente Castelo Branco começou a escrever um manuscrito que se tornaria uma tradição e símbolo místico das Unidades Especializadas da Polícia Militar do Amazonas. Ao finalizar propôs ao Comandante da Companhia de Choque a criação de uma declamação, que pudesse condensar valores como honra, renúncia, obediência, sacrifício e missão, pilares da doutrina do choque (Entrevista com o Coronel R/R James Pedrosa Castelo Branco, 2025).

O Capitão Antônio Alfredo Rego da Mata, reconhecendo o mérito da proposta, não apenas autorizou como determinou a inserção da Oração do Guerreiro de Choque nas paradas diárias da Companhia e a sua devida regularização publicando-a no Boletim Interno da unidade, estabelecendo sua elocução obrigatória nas formaturas e nos momentos solenes de passagem de serviço.

A introdução da Oração do Guerreiro de Choque provocou um reordenamento simbólico dentro da Companhia. A tropa passou a se identificar com o conteúdo da Oração, que evocava a grandeza do seu papel institucional, além de reforçar o pertencimento, a unidade e o orgulho pela nobre função que exerciam. A recitação da oração consolidou-se como um rito de valorização da missão do choque, projetando, em cada estrofe, a essência do guerreiro vocacionado, pronto para o sacrifício, disposto à obediência consciente, resistente às intempéries operacionais e fiel ao compromisso com a manutenção da paz social. De certo que os Policiais Militares se viam em cada estrofe da Oração.

Esse gesto, em sua essência, teve impacto profundo. A tropa voltou a encontrar propósito em sua missão. Cada frase da *Oração do Guerreiro de Choque* passou a representar o juramento silencioso de resistir, proteger e manter a ordem, independentemente da adversidade. Ela simboliza a presença permanente do valor e da missão

sobre o cansaço. Representa o combate travado não apenas nas ruas, mas dentro de cada combatente que, diariamente, renuncia ao conforto para cumprir seu papel constitucional.

A Oração do Guerreiro de Choque constitui um documento de alta relevância doutrinária. É, por excelência, a expressão do ethos do policial militar de tropa especializada: comprometido, técnico, e sempre pronto para a defesa da paz social, mesmo diante do não reconhecimento da sociedade ou da hostilidade dos fatos. A Oração destaca elementos que ratificam a proximidade do espírito imortal do guerreiro de choque.

XIII. Morte Do Tenente Weber Nery Amorim

A história da unidade também registra episódios marcados por profunda consternação, como a morte do Tenente Weber Nery Amorim no interior do quartel no dia 21 de dezembro de 1982. Esse acontecimento, além de impactar toda a tropa de choque, reforçou a importância de se refletir continuamente sobre as condições de trabalho e protocolos de segurança internos. A perda de um membro da corporação, sobretudo em ambiente de serviço, e da maneira como ocorreu.

Ao adverti-lo porque chegara embriagado para tirar o serviço, o Tenente Weber Nery Amorim - Subcomandante da Polícia de Choque da polícia militar do estado foi assassinado a tiros [...] Segundo a informação da PMAM, Onécimo chegara embriagado ao quartel da Polícia de Choque, no Japiim e teria sido impedido pelo Sargento da guarda de tirar o serviço, o que gerou discussão neste momento que chegava o Tenente Weber, que repreendeu o soldado. Este então sacou um revólver 38 e atirou no peito do seu Subcomandante. (Jornal Acritica, 1982).

Em homenagem póstuma, a Polícia Militar honrou o Tenente Weber Nery Amorim, concedendo-lhe o título de patrono da Policlínica da Polícia Militar do Amazonas. Tal episódio permanece na memória da unidade como um momento de dor coletiva, mas também de valorização da dedicação e do compromisso de seus integrantes.

XIV. Comando do Capitão Silvestre

Com um efetivo de 100 (cem) e 12 (doze) viaturas para desempenhar suas atribuições no ano de 1984, assume o Comando da Cia de Choque o então Capitão PM Silvestre Torres de Araujo, consciente da missão árdua de coordenar o emprego do efetivo nas diversas ocorrências na capital amazonense que emergia em convulsão social (Cia de Choque tem novo titular, 1984).

Durante esse período histórico, o efetivo da tropa de choque era composto por 90 homens, sob o comando do Subcomandante Tenente Serudo e do Tenente Afrânio. As viaturas empregadas eram do tipo choque, próprias para ações de controle de distúrbios e operações especializadas. Diariamente, uma patrulha permanecia de prontidão no Comando Geral, subordinada ao Superior de Dia, composta por 10 homens, sendo 1 sargento, 1 cabo e 8 soldados. A atuação da tropa de choque era estratégica e criteriosa: só era empregada mediante autorização expressa do Superior de Dia, sendo acionada exclusivamente em ocorrências de maior complexidade.

A rotina da tropa de choque foi marcada por rigor, disciplina e constante preparação. Diariamente, os policiais eram submetidos a TFM (Treinamento Físico Militar), lutas marciais e instruções específicas de choque, moldava um efetivo capacitado e pronto para o enfrentamento de situações críticas. Um marco dessa época foi a invasão do bairro São José, ocasião em que a pronta resposta da tropa, sob liderança do Capitão Silvestre Torres, conseguiu debelar a crise com eficácia. Apesar da excelência operacional, as instalações do quartel não correspondiam à grandeza da missão: o espaço era extremamente limitado e apresentava graves deficiências estruturais possuindo 789 metros quadrados de área construída, com sala de aula e espaço de musculação em 1986 (Entrevista Coronel Silvestre em 10 de abril de 2025).

XV. Comando Do Capitão Jorge Levy Marques Sobreira

O então Capitão PM Jorge Levy Marques Sobreira assume o Comando da Companhia de Choque no dia 29 de setembro de 1987, seu Sub Comandante era o então Tenente Mário José Anjos da Silva, e durante seu comando foi instituído o embrião do trabalho de policiamento com cães que seria fortalecido anos mais tarde e regulamentado em 1993 com a criação do pelotão de Cães Policiais subordinado ao BPE.

Os anos que se seguiram foram marcados por uma intensa tensão social e política na capital amazonense durante a segunda metade da década de 1980. Esse período foi fortemente influenciado pelo cenário nacional de redemocratização e pelas dificuldades econômicas que atingiam grande parte da população brasileira. Em Manaus, a instabilidade se refletia nas ruas por meio de constantes manifestações populares, greves do funcionalismo público e protestos organizados por industriários. Outro fenômeno que ganhava força na capital era a ocupação desordenada e a explosão demográfica. Não havia terra para todos, nem casas populares suficientes para abrigar os muitos migrantes que chegavam à cidade. A partir de então, a Companhia de Choque era acionada para atuar nas diversas invasões de terra ocorridas nas décadas de 1980 e 1990. A motivação principal dessas manifestações era o fortalecimento político da classe trabalhadora frente à classe patronal.

XVI. Comando Do Capitão Paulo Roberto Vital De Menezes

Designado pelo Cel PM Pedro Lustoza, o Capitão Paulo Roberto Vital de Menezes, assumiu o comando da Companhia de Choque em Manaus, tendo como imediato o Tenente Wilson. Embora o efetivo fosse reduzido em relação ao previsto para uma companhia, tratava-se de um grupo selecionado, submetido a rigorosos testes físicos, mentais e psicológicos. Os equipamentos disponíveis não eram os mais adequados, mas a dedicação e a garra dos soldados compensavam as deficiências logísticas. A filosofia de trabalho da unidade incluía formaturas matinais e solenidades cívico-militares previamente agendadas via Quadro de Trabalho Semanais (QTS).

Ocorriam protestos principalmente no Distrito Industrial, com envolvimento direto de lideranças dos partidos PCdoB, PT e PSB. Diante das ameaças de agressões físicas, dos chamados "farreiros" impedindo o acesso de funcionários às fábricas, e da ocupação irregular de ônibus nas vias públicas, a Companhia de Choque recebeu, com antecedência, a informação de que no dia 15 de julho o sindicato dos motoristas realizaria uma paralisação geral, com apoio do sindicato dos metalúrgicos. Em resposta, o Comando da PMAM determinou prontidão em todos os quartéis.

O serviço de inteligência da Polícia Militar (PM-2), junto com observações in loco, monitorava o interior do sindicato, onde foi identificado um número significativo de motoristas reunidos. Esses indivíduos permaneciam no local jogando dominó, baralho e consumindo bebidas alcoólicas durante toda a noite. Alguns elementos mais exaltados incitavam os demais a aderirem à paralisação e, em caso de intervenção policial, a resistirem com violência.

Paralelamente, servidores públicos de diversas categorias também promoviam greves em busca de melhores salários e condições de trabalho, o que contribuía para o agravamento do clima de instabilidade. Um dos episódios mais marcantes foi a greve dos rodoviários da empresa Marlim, que ocorreu em julho de 1987. O movimento teve grande repercussão em Manaus, comprometendo o transporte coletivo. A insatisfação dos trabalhadores, impulsionada por reivindicações salariais, levou a manifestações intensas e episódios de violência. Durante os protestos, manifestantes exaltados chegaram a depredar viaturas e ameaçar a integridade dos policiais destacados para manter a ordem pública.

No dia 15 de julho, como já era previsto, a turba, insuflada por líderes sindicais, organizou-se para sair do sindicato e iniciou depredações a ônibus do transporte coletivo. A Polícia Militar, inicialmente fracionada em diversos pontos para conter o avanço do movimento, acabou por mobilizar a Companhia de Choque, que se posicionou em frente ao prédio do sindicato com o objetivo de impedir a saída dos motoristas.

Durante a ação, ouviu-se um disparo de arma de fogo vindo do interior do prédio. Em meio à agitação, um dos indivíduos foi atingido e carregado para fora pelos próprios colegas, sendo encaminhado ao pronto-socorro. Diante do ocorrido, foi instaurado um Inquérito Policial Militar (IPM), mas nenhum policial militar foi indiciado.

Capitão defende soldados

O Capitão Vidal da Polícia Militar que comandou o Batalhão de Choque na Operação do movimento dos Sindicatos dos motoristas [...] contou que uma viatura Chevette foi enviada para a frente do sindicato com o intuito de verificar a situação e manter a ordem no local e os seus ocupantes foram agredidos, sendo obrigados a pedir reforço, uma pick up da Companhia de Choque foi enviada ao local mas teve seu parabrisa quebrado e como a situação agravava, foi enviado ao local mais um Batalhão de Polícia de Choque. O pedido de reforço foi feito para manter a integridade física dos Policiais Militares. Disse o Capitão que não presenciou atitude irregular dos seus comandados (Capitão defende soldados, 1987).

XVII. Mudança Do Aquartelamento

A mudança de aquartelamento da Companhia de Choque da Polícia Militar do Amazonas, ocorrida no final da década de 1980 e consolidada no início dos anos 1990, foi motivada por uma série de fatores operacionais, urbanísticos e estruturais.

O Conjunto 31 de março no final da década de 1980 já se tornava um bairro com uma significativa densidade populacional, com a presença de estabelecimentos de ensino, centros comerciais e mais conjuntos habitacionais, estes com grande número de famílias e intensa circulação de crianças e pedestres, espaço típico de logradouro residencial.

A presença da Tropa de Choque em um ambiente densamente habitado gerava alguns conflitos com os moradores. As instruções operacionais da tropa, que envolviam o uso regular de agentes químicos (como o gás lacrimogêneo), munições de impacto controlado, explosivos simulados e disparos com armamento não letal, provocavam ruídos elevados e além da dispersão de resíduos irritantes no ar, causando incômodo à vizinhança. Além disso, o treinamento constante e intensivo, necessário à manutenção da prontidão da tropa, exigia espaços amplos e isolados, o que se tornava incompatível com a regular urbanização da área.

Do ponto de vista operacional, a Tropa de Choque possuía atuação concentrada majoritariamente na zona sul da cidade, com especial incidência no Distrito Industrial, epicentro das manifestações trabalhistas e

protestos durante aquele período. O deslocamento rápido e eficiente era primordial, uma vez que as missões frequentemente demandavam longas permanências em campo, revezamento contínuo de efetivo e pronta resposta diante de situações de distúrbios civis e o aquartelamento no Japiim, já apresentava limitações logísticas, dificultando a mobilização em tempo da tropa.

O crescimento do efetivo da unidade foi outro fator determinante. A infraestrutura do quartel no Japiim, originalmente dimensionada para um contingente reduzido, mostrou-se inadequada diante da ampliação da força. As instalações não atendiam aos padrões mínimos para uma unidade especializada, carecendo de áreas apropriadas para instruções, alojamentos suficientes, salas de comando, depósitos de material bélico e espaços de manutenção de equipamentos específicos.

Após 12 anos no solo que nasceu a CELULA MÁTER das Unidades Especializadas da Polícia Militar do Amazonas, ocorre a mudança para o novo espaço localizado no Distrito Industrial (atual sede do 2º Batalhão de Polícia de Choque). Dessa forma, como uma medida estratégica e necessária, quanto a otimização da capacidade operativa da unidade, e para que os militares pudessem treinar, mobilizar-se e atuar com a eficiência e a segurança exigidas.

XVIII. Conclusão

O Batalhão de Polícia de Choque do Amazonas, com raízes no pelotão de choque de 1966 se estabelece como a **célula mater** das unidades especializadas da Polícia Militar do Amazonas. Sua história de adaptação às transformações sociais e políticas de Manaus (Zona Franca, êxodo rural, ocupações irregulares, greves e conflitos sociais) os obrigou a desenvolver, de forma pioneira, doutrinas e conhecimentos em áreas como controle de distúrbios, uso diferenciado da força e gerenciamento de crises. Pode-se afirmar que a Companhia de Choque desde a sua gênese ajudou a moldar o espaço geográfico e urbano de Manaus, a cada vez que era acionada para debelar e gerenciar os conflitos de posses de terra nas invasões em Manaus, liberar o fluxo de avenidas e deslocar moradores de um lado para outro. Pode-se afirmar também que a pioneira Companhia de Choque, ajudou a garantir o funcionamento das fabricas do Distrito Industrial, garantindo a manutenção de milhares de empregos, e protegendo o fomento na economia estadual.

A necessidade de uma resposta técnica e disciplinada, fez com que a Companhia de Choque se tornasse o berço do qual emanaram os princípios, o treinamento, os símbolos, rituais e, frequentemente, os quadros que viriam a formar e estruturar outras unidades da PMAM. Portanto, o pioneirismo da Companhia de Choque não é apenas um registro cronológico, mas pedra angular que criou e estabeleceu o culto aos símbolos (Oração, Braçal, Boina Vermelha, Farda rajada) e moldou a capacidade de atuação especializada da Polícia Militar Amazonense. Ousar para vencer. CHOQUE.

Referências:

- [1]. ACÇÃO Da Polícia De Choque Contra A Greve Dos Choferes. “Choque Da PM Sem Violência Impede A Passeata Dos Choferes Ao Palácio.” *Jornal Do Comércio*, Edição 22528, 04 Ago. 1977.
- [2]. ALEAM. Dermilson Chagas Comemora 52 Anos Do Bairro Japiim Com Passeio Na Lagoa E Serenata Com Moradores. Disponível Em: <https://www.aleam.gov.br/360435-2/#:~:Text=O%20Japiim%20foi%20fundado%20em,Resid%C3%Aancia%20do%20conjunto%20foram%20entregues.> Acesso Em: 26 Mar. 2025.
- [3]. AMAZONAS, Diário Oficial Do Estado Nº 23346, 01 Set. 1975. Lei Nº 1.143. Dispõe Sobre A Organização Básica Da Polícia Militar Do Estado Do Amazonas.
- [4]. AMAZONAS, Diário Oficial Do Estado Nº 23741, 29 Mar. 1977. Decreto Nº 3804. Aprova O Regulamento De Uniformes Da Polícia Militar Do Estado Do Amazonas.
- [5]. AMAZONAS, Diário Oficial Do Estado. Decreto Nº 1.394, De 6 Jun. 1969. DO Nº 21.785, 10 Junho De 1969.
- [6]. AMAZONAS, Diário Oficial Do Estado. Decreto De Criação Das Diretorias. DO Nº 22.666, 22 Dezembro De 1972.
- [7]. AMAZONAS. Polícia Militar. Comando-Geral. Boletim Interno Nº 007, 10 Setembro 1976.
- [8]. AMAZONAS. Polícia Militar. Comando-Geral. Boletim Interno Nº 010, 14 Janeiro 1977.
- [9]. AMAZONAS. Polícia Militar. Comando-Geral. Boletim Interno Nº 015, 22 Setembro 1976.
- [10]. AMAZONAS. Polícia Militar. Comando-Geral. Boletim Interno Nº 015, 24 Setembro 1976.
- [11]. AMAZONAS. Polícia Militar. Comando-Geral. Boletim Interno Nº 031, 14 Outubro 1976.
- [12]. AMAZONAS. Polícia Militar. Comando-Geral. Boletim Interno Nº 052, 17 Novembro 1976.
- [13]. AMAZONAS. Polícia Militar. Comando-Geral. Boletim Interno Nº 007, 11 Janeiro 1977.
- [14]. ASSAD, Tâmera Maciel. A Problemática Das “Invasões” Na Cidade De Manaus: Perspectivas De Legalização Fundiária À Luz Do Estatuto Da Cidade. *Revista Publica Direito*. Disponível Em: http://www.publicadireito.com.br/Conpedi/Manaus/Arquivos/Anais/Manaus/Novos_Desafios_Tamera_Maciel_Assad.Pdf. Acesso Em: 26 Mar. 2025.
- [15]. BATISTA, J. D. C. A Greve De Fome De 1983: Memórias E Narrativas Sobre O Movimento Dos Professores Na Cidade De Manaus Na Década De 1980. 2020. Dissertação (Mestrado Em História) – Universidade Estadual Paulista. Disponível Em: <https://seer.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/2615>. Acesso Em: 11 Dez. 2025.
- [16]. BECKER, Bertha K. A Zona Franca De Manaus E O Desenvolvimento Regional Na Amazônia. *Revista Brasileira De Geografia*, V. 45, N. 2, 1983.
- [17]. Boletim Interno Do Comando Geral Da Polícia Militar Nº 128, 11 Julho De 1966.
- [18]. Boletim Interno Do Comando Geral Da Polícia Militar Nº 156, 17 Agosto De 1976.
- [19]. BRASIL DE FATO. Como Era Viver No Brasil Da Inflação Descontrolada Dos Anos 1980? São Paulo, 2022.

- [20]. CASTELO BRANCO, James Pedrosa. Entrevista Concedida Ao Autor. Manaus, 15 Jan. 2025. Entrevista Não Publicada, Acervo Do Pesquisador.
- [21]. CIA De Choque Tem Novo Titular. Jornal Do Comércio, P. 4, 21 Jun. 1984. Disponível Em: https://Memoria.Bn.Gov.Br/Docreader/Docreader.aspx?Bib=170054_02&Pesq=%22policia%20de%20choque%22&Pagfis=9568.
- [22]. FIGUEIREDO, Lucas. Lugar Nenhum: Militares E Civis Na Ocupação Do Araguaia. São Paulo: Companhia Das Letras, 2005.
- [23]. FREIRE, Marco Aurélio De Sant'Ana. O Espaço Urbano E A Problemática Habitacional De Manaus No Período 1960-2000: O Caso Da Ocupação Do Córrego Do Quarenta. 2004. 214 F. Dissertação (Mestrado Em Geografia) – Universidade Federal Do Amazonas, Manaus, 2004.
- [24]. GOMES, Leandro. Santos, SALES, Samyr. Mustafá Lopes, SOARES, Luany. Cristine Sousa Egas, NETO, Eurico Dias Texeira, SALES, Mayara Miranda De Souza, & SOUZA, Peter Gabriel Santos De. A HISTÓRIA MILITAR E A SUA IMPORTÂNCIA NO ÂMBITO DA POLÍCIA MILITAR DO AMAZONAS (2025). Revista Políticas Públicas & Cidades, 14(4), E1982 . <https://Doi.Org/10.23900/2359-1552v14n4-30-2025>
- [25]. GOMES, Leandro. Santos, SALES, Samyr. Mustafá Lopes, SOARES, Luany. Cristine Sousa Egas. A CONSTRUÇÃO DA FORMAÇÃO DE OFICIAIS NO AMAZONAS: HISTÓRIA DA ACADEMIA DE POLÍCIA MILITAR CEL NEPER DA SILVEIRA ALENCAR (2025). Revista Políticas Públicas & Cidades, 14(5), E2133. <https://Doi.Org/10.23900/2359-1552v14n5-77-2025>
- [26]. Jornal A Crítica. Soldado Morto Após Matar Tenente. Manaus, 21 Dezembro 1982, Edição 11.483.
- [27]. Jornal Do Comércio. Alterados Comandos Da Polícia Militar. Manaus, 06 Setembro 1981.
- [28]. Jornal Do Comércio. Bracal Enlouquecido Enfrentou Policiais E Feriu Dois Soldados. Edição 2256, 04 Nov. 1978, P. 2.
- [29]. Ossuosky Entregou Ontem Quartéis Do Choque E Dos Bombeiros. Jornal Do Comércio, Manaus Edição, N° 22675, 13 De Marco De 1979.
- [30]. Jornal Do Comércio. Edição 22557, Manaus, 07 Setembro De 1977, P. 5.
- [31]. Jornal Do Comércio. Polícia De Choque Comemorou Seu 3° Aniversário. Manaus, 17 Janeiro 1981. Disponível Em: https://Memoria.Bn.Gov.Br/Docreader/Docreader.aspx?Bib=170054_02&Pesq=%22daniel%20mar%22&Pasta=Ano%20198&Hf=Memoria.Bn.Gov.Br&Pagfis=4603.
- [32]. OSSOUSKY, Anuncia Choque E Esquema Do Carnaval. Jornal Do Comercio De 19 Fevereiro 1976.
- [33]. MENEZES, Paulo Roberto Vital De. Entrevista Concedida Ao Autor. Manaus, 4 Abr. 2025. Entrevista Não Publicada, Acervo Do Pesquisador.
- [34]. ORLEILSON, Francisco Guimarães. Entrevista Concedida Ao Autor. Manaus, 4 Abr. 2025. Entrevista Não Publicada, Acervo Do Pesquisador.
- [35]. SAMPAIO, V. C. S. As Greves Do Distrito Industrial De Manaus (1985-1986). Dissertação (Mestrado Em História). Universidade Federal Do Amazonas, 2022.
- [36]. SILVESTRE, Torres De Araujo. Entrevista Concedida Ao Autor. Manaus, 10 Abr. 2025. Entrevista Não Publicada, Acervo Do Pesquisador.
- [37]. Skidmore, Thomas. Brasil: De Castelo A Tancredo. Rio De Janeiro: Paz E Terra, 1988.
- [38]. Soldado Morto Após Matar Tenente. Jornal A Crítica, 21 Dez. 1982, Edição 11.483.